

Athena Polias e a identidade cívica: o papel das Panateneias na coesão da *Politeia*

Athena Polias and civic identity: the role of the *Panathenaea* in the
cohesion of the *Politeia*

*Renata Cardoso Belleboni Rodrigues*¹

¹ Doutora em História Cultural pela Unicamp. E-mail: re.medusa@gmail.com

RESUMO

Este artigo analisa o culto a Atena Polias e as Grandes Panatenaicas, celebradas no período clássico, como elementos que ajudaram a estruturar a identidade cívica e cultural ateniense. Considerando o conceito de religião cívica proposto por Jean-Pierre Vernant, buscamos entender como a devoção à divindade tutelar ultrapassava o escopo ritualístico para consolidar uma pedagogia do pertencimento e a hegemonia política da polis no mundo grego. Dito de outro modo, o estudo examina como a organização dos festejos e a preparação da cidade-estado se tornaram a base para o que alguns autores como Richter denominam 'armadura ritual' que integrava a topografia urbana ao cerimonial acentuando o caráter identitário dos atenienses.

Palavras-chave: Atena Polias; Panateneias; Identidade cívica; Erecteion; Cultura material.

ABSTRACT

This article analyzes the cult of Athena Polias and the Great Panathenaic Games, celebrated in the classical period, as elements that helped structure Athenian civic and cultural identity. Considering the concept of civic religion proposed by Jean-Pierre Vernant, we seek to understand how devotion to the tutelary deity went beyond the ritualistic scope to consolidate a pedagogy of belonging and the political hegemony of the polis in the Greek world. In other words, the study examines how the organization of the festivities and the preparation of the city-state became the basis for what some authors, such as Richter, call the 'ritual armor' that integrated the urban topography with the ceremonial, accentuating the identity character of the Athenians.

Keywords: Athena Polias; Panathenaic Games; Civic identity; Erechtheion; Material culture.

A relação da deusa Atena com a Ática e com Atenas está atestada na mitologia grega. Os gregos ouviam a história da disputa pelo patronato da região entre esta divindade e Poseidon. Esse, para sair vitorioso, fez brotar uma fonte de água salgada, talvez representando o poderio de Atenas no mar, e aquela fez nascer a oliveira, símbolo de “[...] paz, fecundidade, purificação, força, vitória e recompensa” (Chevalier; Gheerbrant, 1999, p. 656). Tendo como júri os dozes deuses, ou de acordo com outras versões do mito, Cécropo, o rei de Atenas, a doação da deusa foi compreendida como sendo preferível (Grimal, 2005; Mossé, 1998)

A região da Ática, de acordo com as evidências arqueológicas, é habitada desde tempos remotos. As teorias indicam que os primeiros povoamentos se estabeleceram entre 6000 – 4000 a.C. (Cartledge, 2002). No que se refere ao perímetro de Atenas, sabe-se que a acrópole foi o berço de uma história que o tempo, em seus diferentes suportes, registrou e que, também em função dessa variedade material, ela foi considerada “a cidade-estado por excelência”² (Mossé, 1996).

Atenas, essa cidade micênica que viu florescer e desaparecer o seu palácio, destacou-se ao unificar os diferentes povoamentos da Ática, processo denominado sinecismo. Segundo a mitologia, o responsável por esse feito foi o herói Teseu³ que, após percorrer um longo caminho saindo de Trezénia, na Argólida, rumo a Atenas para encontrar seu pai, Egeu, convenceu a vizinhança a unir-se em uma só *Politeia* (πολιτεία):

Após a morte de Egeu, concebeu um magnífico e admirável projecto: congregou os habitantes da Ática numa só cidade e

² Expressão cunhada a partir da interpretação da ‘A Oração fúnebre’ escrita por Tucídides em sua *História da Guerra do Peloponeso* (II, 34-47.1).

³ A historiografia defende o sinecismo como um longo processo de consolidação de povoamentos da região.

declarou um único estado, correspondente a um só povo. Até então a população vivia dispersa pelo território e era difícil reuni-la em função do bem comum a todos os seus elementos. [...] Assim, Teseu foi ter com eles pessoalmente e foi persuadindo comunidade a comunidade, família a família, a fim de a todos conquistar para este seu projecto [...]. Uns deixaram-se persuadir; outros, com receio do seu poder, que já era grande, e da sua audácia, entenderam ser preferível anuir a ter de ceder pela força [...]. Deu a este Estado o nome de Atenas e instituiu as Panateneias como festa da comunidade (PLUTARCO, *Vidas Paralelas de Teseu e Rômulo*, XXIV, 1-4).

É neste excerto da obra de Plutarco que encontramos a referência-chave deste artigo: as Panateneias. Elas eram “[...] celebrações em honra à deusa Atena [...], atestadas por quase 1.000 anos, de 566/5 a.C. até a década de 390 d.C.” (Shear, 2021, p.8 tradução nossa⁴). Esses ritos integravam o vasto calendário religioso anual de Atenas, no qual pesquisadores helenistas já catalogaram mais de 120 eventos distintos.

Um ateniense que participasse de qualquer uma das inúmeras procissões na antiga Atenas teria atravessado uma paisagem sagrada construída, profundamente saturada de significado simbólico e relevância cultural. O objetivo onipresente de promover a memória cultural e a identidade coletiva determinava essas rotas e as experiências a elas relacionadas. As procissões religiosas e comemorativas na Atenas clássica ocorriam frequentemente ao longo do ano e assumiam uma ampla gama de funções, propósitos e atividades (Richter, 2020, p.8)

O termo Panateneia, que significa *a celebração de todos os atenienses*, ultrapassa a nomenclatura de um evento religioso, visto que era um dos principais alicerces da identidade cívica daquela sociedade. Assim como categorias que hoje nos parecem naturais são, na verdade, construções históricas e epistemológicas, as Panateneias funcionavam como um mecanismo

⁴ The Panathenaia, accordingly, is positively attested for almost 1,000 years, from 566/5 bc until the ad 390s.

de subjetivação coletiva, no qual o pertencimento do indivíduo à polis era reafirmado, consolidando o que significava, em essência, ser ateniense perante o mundo grego.

No entanto, vale ressaltar que quando nos referimos ao conceito de identidade, não o reduzimos apenas ao exemplo supracitado (identidade cívica), mas a diferentes perspectivas identitárias, dado que compreendemos esse conceito de forma mais abrangente, considerando outras categorias e como portador de uma fluidez. Corroborando com nosso ponto de vista, temos que Gonçalves e Rocha compreendem “[...] as Identidades como construções, ou seja, sendo criadas e recriadas ao longo do tempo e respondendo às necessidades dos sujeitos que as constroem” (2006, p.12). Para que possamos entender toda essa questão, vejamos alguns elementos que nos ajudarão na construção de nosso argumento.

Há duas explicações atribuídas à instituição das Panateneias⁵: para comemoração do aniversário de Atena (Cartledge, 2002; Richter, 2020) e, a mais aceita, para a celebração da vitória dos deuses contra os Gigantes, cuja participação de Atena foi primordial (Mossé, 1985; Shear, 2021). Havia duas versões destas celebrações: as Pequenas Panateneias (*Panathēnaia ta mikra*) e as Grandes Panateneias (*Panathēnaia ta megala*). Em relação às primeiras, geralmente com a participação apenas dos atenienses (embora haja uma discussão a este respeito, discordando dessa afirmativa), temos que o corriam

A cada ano, [...] marcavam o início do ano político, pois era então, no mês do hecatombeon, o primeiro do calendário que se indicavam os principais magistrados da cidade a festa durava nove dias, de 21 a 29 daquele mês. Ela se iniciava com a vigília na Ácropole, onde se faziam ouvir o coro de moças (Mossé, 2008, p.159-160).

⁵ Vale ressaltar que estas celebrações se modificaram ao longo do tempo e que nos debruçaremos sobre aquelas ocorridas no período clássico.

Quanto às Grandes Panatenaia, como o próprio nome já indica, com proporções bem maiores, ocorriam a cada quatro anos e, “[...] entre os celebrantes estavam cidadãos com seus filhos, filhas e esposas; metecos e suas famílias; escravos libertos e não gregos; e, ainda, durante o período do império ateniense, representantes das cidades-estados aliadas” (Cartledge, 2002, p.162). Essa composição heterogênea dos participantes não deve ser interpretada como um gesto de inclusão democrática (nem no sentido antigo e nem no moderno), visto que servia, na verdade, como um instrumento de propaganda identitária e afirmação da hegemonia política. Ao permitir a inserção de indivíduos não-cidadãos no festival, Atenas articulava uma narrativa de centralidade que ia além dos limites geográficos e jurídicos da polis.

Para os metecos e escravos libertos, a participação em tais celebrações oferecia uma via de reconhecimento e legitimação dentro de uma ordem social rigorosamente hierarquizada. A presença desses grupos, ao desempenharem funções rituais específicas (como o transporte das *skaphia*, as bandejas de oferendas), reforçava publicamente a lealdade e a submissão desses indivíduos à deusa Atena e, por extensão, à Atenas, a cidade que lhes garantia a permanência e a atividade econômica (Shear, 2021). O que temos, então, era uma integração que funcionava como uma ‘pedagogia do pertencimento subalterno’⁶ na qual o não-cidadão reafirmava sua identidade como parte integrante, porém distinta, do corpo social ateniense.

Quanto à presença de indivíduos das cidades-estados aliadas, especialmente no século V a.C., servia como uma reafirmação da *arché* (considerando sua derivação do verbo *archein*, que significa comandar”, ser o

⁶ Expressão cunhada a partir da análise de obras como: LORAUX, Nicole. *La cité divisée: l’oubli dans la mémoire d’Athènes*. Paris: Payot, 2019 - em que a autora examina como a democracia ateniense lidava com conflitos internos (*stasis*) e a política do esquecimento; LORAUX, Nicole. *Né de la terre: mythe et politique à Athènes*. Paris: Seuil, 1996 - no qual ela explora o mito autóctone dos atenienses e como isso moldou sua identidade política; GARLAN, Robert. *The Piraeus*. London: Bristol Classical Press, 2001 - em que o autor aborda a relação dos atenienses com os estrangeiros durante os rituais.

chefe, mandar ou governar) ateniense. A exigência de que os aliados ofertassem uma novilha e uma panóplia (armadura completa) transformava a procissão em um palco da geopolítica do Egeu, justificando tal participação como uma espécie de peça necessária na encenação da grandeza de Atenas. Assim, a identidade ateniense, construída entre os seus e com a participação estrangeira, reiterava a supremacia de suas instituições e divindades perante os outros, consolidando a imagem da cidade como o eixo gravitacional da cultura helênica.

Acerca da promoção desses festivais que incluíam para além da procissão, da oferta do peplos à Atena, dos sacrifícios de animais, das competições atléticas e equestres, havia “[...] musicais de canto, lira, cítara, harpa, flauta, danças e declamações das obras de poetas como Homero. Os atletas vencedores recebiam como prêmio ânforas contendo azeite das Oliveiras sagradas” (MOSSÉ, 1995, p.160). Toda a organização destas atrações e a confecção das ânforas exigiam altos investimentos que poderiam ser pagos por cidadãos mais abastados, pela própria Atenas ou, ainda, por ambos.

Shear (2021) nos traz o exemplo de uma evidência textual, um decreto honorário votado pelo demos ateniense, que nos informa sobre o financiamento particular (atuando como um *agonetetes*, portanto) de um dos eventos. Trata-se da descrição das contribuições, em 141-140 a.C., de Milcíades, filho de Zoilo, habitante do demos ático de Maratona:

[...] também forneceu as cordas de cânhamo e o restante das coisas que faltavam para a condução do peplo e todas as coisas para a procissão; e os sacrifícios devidos aos deuses ele realizou magnificamente e ele promoveu os jogos de maneira digna tanto do cargo quanto do *demos* que o havia eleito; e ele também selecionou sua filha como canéfora e ele também gastou mais para essas despesas e celebrou as Panateneias conscopicamente e bem e ele pagou por todas as despesas de seus recursos privados (Shear, 2021, p.1 – *adaptado / tradução nossa*).

Já Francisco (2012), nos informa sobre o financiamento da própria cidade-estado de Atenas para a fabricação das ânforas panatenaicas e, em especial, para a compra do azeite sagrado extraído das *moriai*, as oliveiras sagradas que, segundo a tradição, eram resultado do transplante de mudas provenientes da primeira oliveira plantada por Atena na Acrópole. Embora não haja muitas informações sobre a encomenda das ânforas panatenaicas, Aristóteles afirma:

1. São estas as normas no que diz respeito aos nove arcontes. Os Atenienses sorteiam também dez comissários dos jogos, um por cada tribo. Depois se submetem ao exame preliminar, estes homens mantêm-se em funções durante quatro anos. Organizam a procissão das Panateneias, os concursos de música, as competições atléticas e as provas equestres. Tratam ainda da confecção do peplo, *do fabrico das ânforas*, juntamente com o conselho, e entregam o azeite aos atletas vencedores. 2. O azeite provém das oliveiras sagradas. O arconte procede à sua recolha entre os donos das terras onde se encontram estas oliveiras, à razão de uma cótila e meia por cada pé (Aristóteles, *Constituição dos Atenienses*, 60, 1-2 grifo nosso).

Quanto à cultura material, mais especificamente as ânforas panatenaicas, podemos afirmar que elas se configuravam como um marcador de memória e tradição, principalmente quando observamos que mesmo após a cerâmica grega ter passado a utilizar, de modo mais sistemático, a técnica de figuras vermelhas (após 530 a.C.), esses recipientes preservaram o uso das figuras negras, evidenciando a manutenção da estética ancestral. Estes recipientes, geralmente com uma altura que variava entre 60 e 70 centímetros, possuem uma forma que remete aos vasos de transporte mediterrâneos (Francisco, 2012).

A ornamentação desses vasos foi consolidada em meados do século VI a.C. por meio de um rígido esquema com dois painéis figurativos: na face principal (Face A), encontramos a imagem de Atena Promachos,

frequentemente acompanhada pela inscrição *τον Αθηνεθεν αθλον* ("um prêmio de Atenas"); na face oposta (Face B), estão representadas as cenas das diferentes provas esportivas ou musicais que motivaram a conquista. Ao longo do tempo, essa iconografia sofreu algumas alterações pontuais, como a ocorrida no período clássico, quando as inscrições passaram a registrar, também, o nome do arconte do ano (o que ajuda os arqueólogos a datarem a peça) e a representação da deusa Atena gradualmente incorporou poses e proporções que refletiam as novas tendências esculturais. Com isso, a ânfora panatenaica torna-se um objeto em que suporte e figuração atuam conjuntamente, delineando tanto o espaço da representação quanto a relação da polis com seus vencedores (Francisco, 2012; Martins, 2018).



Ânfora panatenaica. Cerâmica ática de figuras negras⁷. Aprox. 425-400 a.C. Atribuído ao Kuban Group. Lado A: Atena; escudo com a figura de Nike segurando uma longa faixa com ambas as mãos; colunas dóricas encimadas por galos. Lado B: dois cavaleiros em pétaso e clâmide. Um está prestes a lançar um dardo, o outro já atingiu o alvo. Londres: British Museum, catálogo *on line*.

⁷ © The Trustees of the British Museum. Shared under a [Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International \(CC BY-NC-SA 4.0\)](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/) licence.

Francisco (2012) e Martins (2018) ainda complementam que a confecção das ânforas destinadas às Grandes Panateneias era realizada no decorrer dos anos anteriores em virtude da quantidade ofertada aos vencedores. Mesmo que o número pudesse variar de celebração para celebração⁸, sabe-se, por exemplo, que no início do século IV a.C., aproximadamente entre 1.500 e 1.600 ânforas eram entregues aos vencedores que poderiam receber, individualmente, entre 1 e 140 ânforas com azeite sagrado e sabendo que nesses recipientes poderiam caber, em média, 34 litros, a quantidade necessária para as premiações era considerável.

Os autores ainda nos apresentam os seguintes dados: no século IV a.C., o valor de mercado de uma única ânfora preenchida custava por volta de 12 dracmas, podendo um competidor de elite acumular até 1.680 dracmas em uma única edição do festival, o que permitia a aquisição de uma ou duas casas no núcleo urbano, ou de múltiplas propriedades rurais. No que se refere à força de trabalho, esse valor viabilizava a compra de sete escravos de preço médio. Ainda neste sentido, Valavanis (1986) reforça essa perspectiva ao analisar especificamente o vencedor da corrida de carros: caso o atleta optasse pela venda integral do óleo recebido, o rendimento equivaleria a seis anos de salários diários da época.

Diante do exposto sobre a organização das Panateneias, observa-se que a construção da identidade política e social de Atenas se fundamentava, também, na operacionalização da religião cívica, conceito proposto por Jean-Pierre Vernant (2006) que define a indissociabilidade entre as esferas do sagrado e as instituições da polis. Em outras palavras, ao tomarmos de empréstimo a perspectiva desse helenista, temos que estas celebrações evidenciavam que não havia uma antítese cristalizada entre o sagrado e o profano (visto que temos

⁸ Com a Guerra do Peloponeso, por exemplo, quando Esparta destruiu parte das oliveiras de Atenas, a quantidade de ânforas e azeite para a premiação dos vencedores diminuiu consideravelmente.

aspectos da religiosidade que se manifestam nos valores sociais), configurando-se como uma prática que reafirmava as tradições basais da coesão e da identidade comunitária ateniense.

Ainda nos pautando nas contribuições de Vernant, agora nos debruçando sobre o seu conceito de *universo espiritual da pólis* (2002) que ele associa à valorização da publicidade da vida social, observa-se que a organização das Grandes Panateneias funcionava como um dispositivo de transposição das práticas rituais para o domínio do coletivo. Ao expor o sagrado no centro da vida cívica (*es meson*), Atenas transformava o rito religioso em uma demonstração de hegemonia política, econômica e identitária compartilhada abertamente no cenário helênico.

A organização das celebrações com a participação da cidade-estado conforme descrita anteriormente, também evidencia como os princípios democráticos eram projetados no cerimonial. Esse controle vinculava a administração da terra e a produção agrícola diretamente à proteção da divindade patrona, transformando o recurso econômico em um bem sagrado e identitário. No plano social, a identidade ateniense igualmente se reafirmava na coordenação com as elites por meio do financiamento privado: o exemplo de Milcíades ilustra como as linhagens tradicionais se inseriam na estrutura cerimonial, chancelando sua posição na hierarquia da polis.

Ainda no que diz respeito às ânforas, esta dimensão política igualmente pode ser observada, externamente, quando vemos a participação de cidadãos de outras poleis para as competições, inserindo Atenas e a sua deusa protetora no centro de uma rede de prestígio helênico. A escala da produção revela a complexidade logística ateniense e o valor econômico das premiações destacava hegemonia. Em resumo, os preparativos para o festival, aos olhos de seus espectadores, afirmavam a soberania da cidade.

Outro ponto de destaque das Panateneias era a organização da própria cidade de Atenas enquanto palco da celebração. Estamos nos referindo, aqui, à transformação dos espaços urbanos em que estruturas arquitetônicas temporárias e permanentes se tornavam uma extensão da procissão, que era o ápice do culto à Atena quando, ao final, um novo peplo era ofertado a ela. O palco principal dessa procissão era a própria Via Panatenaica, no entanto, em alguns pontos do percurso, estruturas de madeira (plataformas ou palcos, as *ikria*) eram construídas para acomodar o público, bem como as escadarias de outros prédios públicos e os telhados das casas se transformavam em espécies de arquibancadas (Hurwit, 2004; Richter, 2020). Sobre o trajeto⁹:

A localização e o trajeto na Via Panatenaica permaneceram praticamente inalterados por séculos [...]. Sua saída mais ao norte estava localizada no Portão de Dipylon, no distrito de Kerameikos. De lá, ela seguia para sudeste [...], passando por bairros residenciais e espaços públicos, como a Stoa Poikile, até chegar a um grande cruzamento no Altar dos Doze Deuses. Do Altar, seguia à direita, atravessando diretamente o coração da Ágora de Atenas. Contornando a Ágora e alguns de seus edifícios mais importantes, a procissão passava pela Orquestra primitiva e pelos tribunais do século V a.C., e pelo Peristilo

⁹ Dentre os pontos de referência indicados no excerto: Dipylon (“portão de duas portas”): erguido em 478 a.C. era a principal porta de entrada para a Atenas. Fazia parte da muralha construída por Temístocles para fortificação da cidade; Kerameikos: bairro que abrigava as oficinas ceramistas; Stoa Poikile: galeria coberta em cujas paredes estavam pintadas cenas mitológicas. Este local ficou conhecido por ser o ponto de encontro de Zenão de Cítio, filósofo estoico, com seus discípulos; Altar dos Doze Deuses: construído por Pisístrato, o Jovem, em 522/1 a.C., servia, para além de suas funções religiosas, como um marco zero para medir as distâncias entre Atenas e os demais demos ou outras localidades; Orquestra: trata-se, de acordo com Richter (2020), de uma orquestra primitiva que foi substituída, conforme o prestígio das Grandes Panateneias crescia, pelo Teatro de Dioniso e pelo Odeon de Péricles (espaço especialmente erguido para apresentações musicais), ambos construídos no século V a.C.; Peristilo Quadrado: erguido por volta do ano 300 a.C., este pátio colunado provavelmente abrigou um prédio destinado a um tribunal; Eleusinion: templo dedicado à deusa Deméter, local de guarda dos objetos sagrados; Peripatos: caminho que circundava a Acrópole ligando alguns santuários. Ele cruzava a Via Panatenaica.

Quadrado do século IV a.C. Seguia pelo Eleusinion, pelo Peripatos e subia o lado oeste da Acrópole, onde finalmente entrava no santuário de Atena; o peplo era finalmente dedicado no templo da deusa, o Erecteion [...]. O grande sacrifício seguiria então para o altar da deusa, onde o fogo era aceso pela chama da corrida de tochas, e a carne era assada e distribuída a todos (Richter, 2020, p.21-22 *tradução nossa*).

Nos arredores da Via, de acordo com a introdução de novas modalidades nas Grandes Panateneias no decorrer dos séculos, outras estruturas foram construídas, como é o caso do chamado Odeon de Péricles edificado na encosta Sul da Acrópole em 435 a.C. Há que se destacar, igualmente, que as escavações têm encontrado inúmeros buracos de estacas (para as *ikria*) e respectivos locais aterrados que são identificados como espaços para abrigar os espectadores, bem como aterramentos na própria Via, conservando, mesmo fora dos períodos festivos, a sua vocação (Richter, 2020).

A transformação do espaço urbano para viabilizar a continuidade da prática dessa religião cívica culminou na construção¹⁰, no final do século V a.C., do Erecteion, o templo que passou a abrigar a estátua de Atena Polias. Evidências textuais, como aquelas de Pausânias (*Descrição da Grécia*), relatam a existência prévia de um templo específico para a deusa (o *Archaios Naos*), destruído pelos persas em 480 a.C. Atualmente, pesquisas arqueológicas¹¹ têm se debruçado sobre as ruínas do atualmente chamado ‘Templo de Dörpfeld’, por compreenderem que se trata da estrutura desse antigo templo.

A análise dessa ancestralidade revela que o projeto clássico não surgiu isoladamente. Conforme aponta Mauro (2019, p. 74 – *tradução nossa*):

¹⁰ Algumas teses defendem a ideia da adaptação do templo. Para saber mais: J.Z. van Rookhuijzen, *The Erechtheion on the Acropolis of Athens*, *Kernos* [En ligne], 34, p.69-121, 2021.

¹¹ Incluindo aquelas realizadas pela equipe liderada pelo professor Leonardo Fuduli, no âmbito do projeto PRArch (MAE/USP).

Os vestígios deste antigo templo de Atena, hoje visíveis entre o Erecteion e o Partenon, revelam uma planta bastante articulada: era um períptero, com 12 colunas ao longo dos lados maiores e seis ao longo dos lados menores, subdividido internamente em quatro salas. Esta peculiar divisão do espaço foi reproduzida um século depois no Erecteion Clássico.

Essa reprodução arquitetônica sugere uma clara tentativa em manter a configuração original no novo edifício, resultando na monumentalização de uma identidade construída ao longo de séculos. Essa longevidade do culto encontra suas raízes ainda no período da Idade das Trevas (sécs. XII – VIII a.C.), conforme sinaliza uma passagem de Homero (*Odisseia*, VII, 80-81) ao referir-se à entrada de Atena na "bem construída casa de Erecteu", estabelecendo a primeira associação clara entre a divindade e o herói dinástico. Dando continuidade a essa cronologia, mesmo com a escassez de fontes do período Arcaico Inicial, Heródoto (V, 71) e Tucídides (I, 126) situam nesta mesma área a tentativa de golpe de Cílon, em meados do século VII a.C. Ao relatarem que ele e seus aliados buscaram refúgio junto à estátua de Atena, sendo executados próximos ao seu altar, os historiadores confirmam que, por volta de 639 a.C., o local já abrigava o simulacro da deusa e possuía uma função ritual estabelecida.

Dessa forma, a construção do *Archaios Naos* entre 529 e 500 a.C. não foi um ato de fundação, mas de consolidação. Ao erguerem o templo sobre uma estrutura anterior mais modesta, os filhos de Pisístrato deram prosseguimento a uma tradição já arraigada. As escavações de Dörpfeld reforçam essa tese ao revelarem que a obra foi uma ampliação destinada a acomodar o *agalma* (a imagem de madeira de oliveira que, segundo a lenda, caíra do céu). Essa estátua permaneceu como o coração das festividades panatenaicas até o final da Antiguidade, provando que a evolução monumental da Acrópole serviu, acima de tudo, para preservar uma memória sagrada imemorial.

O Erecteion Clássico, cujas obras foram retomadas durante a Paz de Nícias (421 a.C.), foi o herdeiro final desse longo processo. Ao ser edificado

ligeiramente ao norte das ruínas do templo arcaico, o projeto cumpriu um duplo propósito: preservar os escombros do ataque bárbaro como um memorial e integrar, em um único edifício, os marcos míticos da fundação de Atenas. Assim, como atesta a inscrição inventariada pelo arconte Diocles, o Erecteion não se limitou a substituir o *Archaios Naos*, visto que foi além, ao reafirmar a vocação do lugar como o eterno receptáculo do "antigo simulacro" da polis (Mauro, 2019).

Diante dessa justaposição de lugares de memórias, a devoção a Atena Polias pode ser caracterizada como um dos princípios organizadores de uma *cidade-palco*, ou como denomina Richter (2020), uma *armadura ritual*. Ao longo dos séculos, o espaço urbano de Atenas foi transformado para que o cotidiano e a celebração se fundissem: muito mais do que uma rua, a Via Panatenaica se tornou uma extensão do próprio santuário; a instalação de estruturas temporárias e a ocupação de telhados e prédios públicos como arquibancadas mostram que a arquitetura da polis era flexível, adaptando-se, de diferentes formas, para que a população e os visitantes pudessem testemunhar e validar a celebração. Essa plasticidade urbana também garantia que a procissão, ao percorrer, por exemplo, locais destinados aos assuntos políticos e judiciais, reafirmasse a cada passo ou modalidade competitiva a soberania de Atena sobre todos os aspectos da vida ateniense. O ápice dessa coreografia social ocorria no encontro entre o movimento da massa urbana e a imobilidade do sagrado no Erecteion: era a infraestrutura de Atenas perpetuando sua história e moldando sua identidade ao manter viva as Panateneias.

Diante do exposto, quando analisamos esse empenho de Atenas para a realização das celebrações, percebemos que a cidade era, ela própria, o resultado material e simbólico da devoção à sua protetora. A construção da identidade ateniense, portanto, longe de ser um evento estático, foi um longo processo de sedimentação em que cada etapa de organização das festividades,

em especial das Grandes Panateneias, cada elemento arquitetônico adaptado ou construído, serviu para blindar uma memória coletiva contra o esquecimento, afinal, ao percorrer a Via Panatenaica, o habitante de Atenas e os visitantes estavam, em essência, reencenando a própria fundação da polis, validando sua hegemonia política por meio dos rituais e fazendo da topografia urbana um documento vivo que a destacava no mundo helênico.

Em última análise, o patronato de Atena Polias funcionou como o eixo gravitacional que impediu a fragmentação social e política da Ática. A "armadura ritual", conforme descrita na historiografia atual, revela que a deusa protegia as muralhas e, ao mesmo tempo, nutria a cultura da cidade ao converter os recursos como o azeite, o suor do atleta e a arquitetura em patrimônio identitário. O título deste artigo, portanto, encerra uma verdade histórica: Atenas e Atena Polias passaram a ser vistas como forças equivalentes, o culto deixou de ser uma obrigação litúrgica e se tornou a própria essência do que significa ser cidadão. A cidade sobreviveu aos séculos em virtude de sua importância política, da força de suas leis e porque soube institucionalizar sua devoção.

Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. **Constituição dos Atenienses**. Trad. Delfim F. Leão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

CARTLEDGE, Paul (org). **História ilustrada da Grécia Antiga**. Trad. Laura Alves e Aurélio Rebello. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos. Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Trad. Vera da Costa e Silva *et.al*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

FRANCISCO, Gilberto da Silva. **Panatenaicas: tradição, permanência e derivação**. 2012. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e

Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. doi: 10.11606/T.71.2012.tde-16052012-141348 Acesso em: 14 jan. 2026.

GONÇALVES, Ana Tereza M; ROCHA, Leandro M. **Introdução: Identidades e Etnicidades: conceitos e preceitos.** In.: SILVA, Gilcan V.; NADER, M. B.; FRANCO, S. P. (org). As identidades no tempo: ensaios de gênero, étnica e religião. Vitória: EDUSFES e PPGHIS, 2006.

GRILLO, José C.; FUNARI, Pedro Paulo A. **Antiguidade Clássica: Grécia.** In: VENTURINI, Renata L. B. (org). História Antiga I: fontes e métodos. Maringá: UEM, p. 49-72, 2010.

GRIMAL, Pierre. **Dicionário da Mitologia Grega e Romana.** Trad. De Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

HURWIT, Jeffrey. **The Acropolis in the Age of Pericles.** Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

MARTINS, Camila M. **Cultura material e imagem: um estudo da iconografia das ânforas panatenaicas.** Hêlade, v.4, n.3, p. 147-169, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/helade/issue/view/1510> Acesso em: 14 jan. 2026.

MAURO, Chiara Maria. **Religious survivals in the Erechteion Area: a diachronic approach.** Dialogues d'histoire ancienne, v. 45, n.1, p. 65-88, 2019. Disponível em: <https://docta.ucm.es/entities/publication/1510d063-f488-4f5c-9400-90df14981f5b> Acesso em: 14 jan. 2026.

MOSSÉ, Claude. **Dictionnaire de la civilisation grecque.** Bruxelles: Editions Complexe: 1998.

_____. **Le citoyen dans la Grèce antique.** Paris: Nathan, 1996.

_____. **Politique et société en Grèce Ancienne.** Le “modèle” athénien. Paris: Aubier, 1995.

_____. **Instituições Gregas.** Trad. António I. D. Diogo. Lisboa: Edições 70, 1985.

_____. **Péricles: o inventor da democracia.** Trad. Luciano V. Machado. São Paulo: Estação Liberdade, 2008.

PLUTARCO. **Vidas Paralelas de Teseu e Rômulo.** Trad. Delfim F. Leão e Maria

do Céu Fialho. Coimbra: CECH, 2008.

RICHTER, Samantha. **The power of procession: the Greater Panathenaia and the transformation of athenian public spaces.** Tucson: The University of Arizona, 2020.

SHEAR, Julia L. **Serving Athena: the Festival of the Panathenaia and the construction of athenian identities.** Cambridge: Cambridge University Press, 2021.

VALAVANIS, Panos. **Les anphores panathénaïques et le commerce athénien de l'huile.** Bulletin de Correspondances Hellénique, suppl 13, p. 453-460, 1986.

VERNANT, Jean-Pierre. **As origens do pensamento grego.** Trad. Ísis B. B. da Fonseca São Paulo: Difel, 2002.

_____. **Mito e religião na Grécia Antiga.** Trad. Joana A. D. Melo. São Paulo: Martins Fontes, 2006.